

MIGRAÇÃO E EXÍLIO EM *NIHONJIN*, DE OSCAR NAKASATO, E *OS HUNGARESES*, DE SUZANA MONTORO

Gínia Maria Gomes (UFRGS)

RESUMO: A proposta deste estudo é discutir a problemática da migração e do exílio nos romances *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato, e *Os húngareses* (2011), de Suzana Montoro. Pretende-se mostrar a importância da construção de comunidades, nas quais são recuperados os costumes trazidos do país de origem. A experiência do exílio será apresentada através das personagens Hideo e Rozália, as quais não se integram à terra da acolhida e, por isso mesmo, nela permanecem fora de lugar. Sejam eles japoneses ou húngareses, as personagens dessas narrativas se sentem estrangeiras na terra do exílio. Porém, cada uma dessas experiências tem a sua peculiaridade: Hideo vive no Brasil com o pensamento no retorno ao país de origem, por isso procura manter os costumes japoneses; e Rozália, ao contrário, deseja integrar-se, embora a memória do passado seja constantemente renovada. Os textos *Da diáspora*, de Stuart Hall, *O homem desenraizado*, de Tzvetan Todorov, *L'esprit migrateur*, de Pierre Ouellet, *Estrangeiros para nós mesmos*, de Julia Kristeva, entre outros, servirão de aporte teórico a este artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Romance Contemporâneo. Migração. Exílio.

Preâmbulo

Os deslocamentos constituem-se em uma das marcas da contemporaneidade. São trânsitos que decorrem seja por motivos econômicos, seja por questões políticas. E aqui estão postas as duas principais motivações desses trânsitos: migração e exílio. Grosso modo, a distinção entre os termos estaria no caráter voluntário do primeiro e involuntário do segundo. Este se relaciona a uma expulsão de “grupos ou indivíduos que, manifestando opiniões contrárias ao *status quo*, lutam para alterá-lo.”, conforme Denise Rollemberg (1999, p. 25). Segundo a pesquisadora, muitas vezes esse afastamento assume “a dimensão de um traumatismo, porque o exílio rompe com o movimento que constrói o homem a partir dos seus projetos e ilusões, renovado, permanentemente, na convivência com os outros” (ROLLEMBERG, 1999, p. 25). No entanto, apesar da diferença entre estes dois movimentos, os quais são motivados por fatores econômicos e políticos, de acordo com Rollemberg (1999, p. 43), as fronteiras entre migração/migrantes e exílio/exilados são fluidas, pois não há uma separação tão estanque entre essas situações. Considera a autora que o caráter voluntário da migração

é factível, porque, sendo a questão econômica a causa determinante, aqueles que decidem pela partida não o fazem senão pela falta de perspectivas no país em que vivem. Nesse sentido, eles estão tão sujeitos à “‘imposições’ e ‘brutalidades’ [quanto] à violência sofrida pelos exilados. Tais violências estão presentes onde há pobreza, miséria e desemprego, fatores que motivam os processos migratórios” (ROLLEMBERG, 1999, p. 43). Em razão disso, “o imigrante não opta individualmente pela partida e sim é levado socialmente a escolher essa opção” (ROLLEMBERG, 1999, p. 43).

Por essa razão, não se fará diferença entre as especificidades de migrantes e de exilados, porque o importante para os objetivos dessa discussão são as personagens que se encontram nessa situação, as quais, de forma geral, se mantêm na condição de estrangeiros na terra da acolhida. O não pertencimento que as caracteriza, devido à diferença da língua e dos costumes, as transforma em indivíduos desenraizados. Afastados do lugar de origem, o qual permanece vivo na memória, esses sujeitos não se integram ao lugar da acolhida, permanecendo distantes. Dessa forma, eles não têm mais “um lugar próprio onde se sintam ‘em casa’”, conforme as palavras de Pierre Ouellet, em *L'esprit migrateur* (2005, p. 9).¹ É, pois, uma sensação de estar de fora, o que, para o estudioso, tem uma dimensão ontológica, a qual ele denomina “o exílio do ser”², metáfora que remete à “nossa dificuldade de habitar plenamente nosso lugar e nossa época”³ (Ouellet, 2005, p. 10).

A temática da migração é recorrente na Literatura Brasileira. São muitos os romances que abordam essa questão. Muitos deles foram escritos por descendentes de imigrantes. Entre outros, está *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, escritor que se inclui nesta categoria, pois é descendente de japonês, da terceira geração. No entanto, é importante ressaltar que a abordagem desse tema não é prerrogativa dos descendentes de imigrantes, pois muitos outros escritores tematizam a questão em suas narrativas. Ouellet (2005, p. 17) destaca a abrangência dessa manifestação literária, na qual também se inscrevem escritores cuja ascendência não tem vínculos próximos com a imigração, porém abordam tal temática em seus romances. Este é o caso de Suzana Montoro, que escreveu *Os húngareses*.

¹ Tradução minha do original: “n’a plus de lieu propre ou il se sente chez lui”.

² Tradução minha do original: “l’exil de l’être”.

³ Tradução minha do original: “notre difficulté d’habiter pleinement notre lieu et notre époque [...]”.

Esses dois romances foram publicados em 2011 e premiados em 2012. *Nihonjin* obteve o Prêmio Jabuti e *Os húngareses*, o Prêmio São Paulo de Literatura. Ambos abordam histórias de migração. E os títulos dos livros já apontam para o tema, pois neles o povo sobre o qual a história se centra está posto na capa.

Os seus narradores também apresentam algumas similaridades: os dois são descendentes de imigrantes e contam histórias das famílias, cuja principal fonte é um parente. Noboru, de *Nihonjin*, ouve os relatos do avô – Hideo (ele ainda afirma que o tio complementou algumas dessas narrativas, bem como fez pesquisas sobre a trajetória dos japoneses, referindo-se ao livro *O imigrante japonês: história da sua vida no Brasil* [1987], de Tomoo Handa); e a narradora inominada, de *Os húngareses*, informa que, desde criança, foi seduzida pelas narrativas da mãe – Rozália (ela complementa os relatos com os de uma amiga da progenitora, com quem permaneceu por algum tempo quando de suas andanças pela *puszta*; além disso, a própria narradora conta fatos que ela mesma vivenciou).

Outra curiosidade é que eles atribuem importância à efabulação de seus textos. Noboru deixa explícito o papel da criatividade: “e a minha mania de arquitetar com palavras: eis a história” (NAKASATO, 2011, p. 39). Por sua vez, a narradora inominada mostra a incompletude de sua narração, pois ela, que é atriz de teatro mambembe, reconstrói essas histórias familiares a cada passo, porque a cada reapresentação, elas se renovam: “E a cada vez descubro um novo fio que vai se entremeando ao relato e completando a urdidura de nossas vidas” (MONTORO, 2011, p. 181).

Esses narradores, ao reconstruírem a história familiar, por extensão, reportam-se aos imigrantes de forma generalizada, porque para estes a vida na comunidade é de extrema importância. Dessa forma, as trajetórias de Hideo e de Rozália são exemplares, sendo representativas da de outros imigrantes que se aventuraram em terras brasileiras.

Esses romances têm vários outros aspectos em comum, sendo o objeto deste ensaio a discussão de alguns deles. Nesse sentido, pretende-se mostrar a construção do imaginário do eldorado, difundida e sedimentada pelas propagandas da imigração; apresentar as dificuldades encontradas na terra do exílio e o sentimento de desterro que acomete as personagens; e, por último, analisar a afirmação identitária, decorrente sobretudo pela vivência em comunidade.

Da expectativa do eldorado aos percalços da migração

A precariedade e a falta de horizontes no país de origem impulsionam os deslocamentos nos dois romances. Move-os a possibilidade de melhores condições de vida e a expectativa de ganhar dinheiro. Em *Nihonjin*, este aspecto está representado com mais contundência, porém não deixa de estar presente em *Os húngareses*. A estas condições difíceis, soma-se o estímulo das propagandas, que, pondo em cena o mito do eldorado, ocuparam um lugar não menos importante.

No romance de Nakasato, a aventura da imigração tem o aval e o incentivo do imperador. A narrativa mantém uma forte coesão com os dados históricos, dos quais não se afasta. Isso para dizer que, de fato, estabeleceram-se acordos entre os governos brasileiro e japonês, no sentido de incentivarem a imigração pela necessidade de mão de obra de um e crise econômica então vivida pelo outro. Com vistas a esse incentivo, circulavam panfletos, os quais representavam o Brasil como um local de terras férteis, onde os imigrantes poderiam rapidamente enriquecer, conforme as observações de Jhony Arai e Cesar Hirasaki (2008, p. 24): “Segundo esses mesmos panfletos, cinco anos eram suficientes para retornarem ao Japão e viverem o resto de suas vidas despreocupadamente”. Era justamente por estarem obnubilados por esse imaginário, cuja origem estava nesses panfletos, que eles partiam cheios de expectativas, na certeza do ganho fácil e do retorno em no máximo cinco anos, com dinheiro suficiente para se estabelecerem no Japão. É esta euforia que se flagra na cena de abertura do romance, quando, ainda no navio, várias personagens expõem seus projetos, pois, partindo do pressuposto de que ganhariam “bastante dinheiro” (NAKASATO, 2011, p. 11), se permitiam fantasiar, imaginando a futura prosperidade.

Com o objetivo claramente delineado, ganhar dinheiro e fazer o movimento de volta, o país da acolhida transforma-se, para eles, em terra de trânsito, onde pretendem permanecer somente o tempo suficiente para a realização financeira, o que estabelecem ser em torno de quatro ou cinco anos. Nesse sentido, o romance retrata uma situação histórica ao mostrar que as personagens estavam influenciadas pelas propagandas veiculadas nos panfletos, exibindo, inclusive, a determinação do número de anos que necessitariam permanecer no país da acolhida, isso com vistas ao enriquecimento. Em seu estudo sobre a questão, Rollemberg (1999, p. 44) afirma que o desejo de retornar é comum aos migrantes. Porém, ressalta que só o fazem em “condição de visitante” e se tiverem conquistado uma boa condição econômica. O migrante pensa apenas “na volta

definitiva [...] quando acompanhada da riqueza conquistada no exterior” (ROLLEMBERG, 1999, p. 44). O romance de Nakasato está, pois, em consonância com os estudos teóricos dessa pesquisadora.

Também em *Os húngareses*, a movência das personagens decorre da assunção de um imaginário que apresenta as riquezas de uma terra situada no “hemisfério sul onde [...] as pessoas eram tão ricas que as roupas podiam ser usadas apenas uma vez e depois jogadas fora” (MONTORO, 2011, p. 26-27). A personagem-protagonista, como os outros, ficou seduzida por esse imaginário: o seu “olhar [...] se alumbrava, também queria ir” (MONTORO, 2011, p. 27). Em outro momento, a questão da riqueza dessa terra é reiterada: “um lugar de oportunidades, onde enriquecer era tão óbvio quanto um dia após o outro, e o dinheiro tão farto que poderia ser rastelado” (MONTORO, 2011, p.73). Igualmente neste romance, este imaginário é construído pelos panfletos elogiosos ao país, os quais veiculavam essas ideias que se sedimentaram, “propaganda de migração que alcançava os lugares recônditos” (MONTORO, 2011, p. 82).

No entanto, nos dois romances, essas propagandas de estímulo ao deslocamento logo se revelaram falaciosas. Ao aportarem na terra da acolhida, as personagens se deparam com outra realidade, muito diferente daquele imaginário de país rico, o tão sonhado eldorado, onde lhes seria oportunizado o fácil enriquecimento.

Em *Nihonjin*, a frustração se impõe logo da chegada à colônia, ao se depararem com a casa que lhes foi atribuída, pois esta contraria as expectativas. Kimie, então esposa de Hideo, mostra sua decepção diante dessa realidade, em tudo diferente das fantasias que haviam construído. Tanto é assim que o marido, ao flagrar a decepção da mulher, pede desculpas, o que é contrário ao seu modo de atuar: “Me desculpe, Kimichan, eu não esperava que fosse tão difícil” (NAKASATO, 2011, p. 21).

À precariedade da moradia, somam-se outras dificuldades. O trabalho na lavoura era árduo. Por outro lado, a maior parte dos imigrantes não estava preparada para aquele tipo de atividade, posto que no Japão tinham outras profissões. Além de árduo, o novo exercício não tinha uma compensação financeira. No acerto de contas, pouco sobrava, porque parte dos proventos já havia sido gasto no armazém, cujos preços das mercadorias eram exorbitantes, superiores aos cobrados em outras fazendas. Logo a desilusão se impõe à expectativa do ganho fácil de dinheiro.

Nessa iminência, Hideo e o sogro decidem arrendar um sítio. Porém, apesar dos muitos esforços empreendidos, de trabalhar com afinco, o “dinheiro que sobrava” (NAKASATO, 2011, p. 55) era insuficiente e, diante disso, o tão desejado retorno

ficava inviabilizado. Não obstante isso, o protagonista permanecia aferrado ao sonho, que não foi abandonado, ainda que desiludido quanto ao ganho fácil de dinheiro.

Em *Os húngareses*, também se percebe uma distância entre sonho e realidade. Ao chegar ao país estrangeiro, Rozália depara-se com o estranhamento, seja em relação às pessoas, seja em relação aos frutos – impressiona-se “ao ver os cachos de banana pendidos de cabeça para baixo nas árvores” (MONTORO, 2011, p. 88). O confronto com a alteridade é permeado pela saudade: “senti falta de tudo que tinha deixado” (MONTORO, 2011, p. 88). Nesse “tudo”, certamente se inclui József, seu então namorado, que havia permanecido na aldeia natal.

Neste romance, o imaginário da abundância é logo desconstruído. Percebe-se isso na dificuldade de encontrar emprego. No caso de Rozália, ela se submete ao que está disponível, tendo trabalhado inclusive como empregada doméstica. Ou seja, as facilidades apregoadas nos panfletos sobre ser “um lugar de oportunidades” não se concretizam, uma vez que as vagas de emprego não são abundantes nem permitem um ganho satisfatório, estando distantes do eldorado e do ganho fácil, expectativa que mobilizou o deslocamento.

Outro aspecto importante que percorre esses textos é o sentimento de não pertencimento, de desenraizamento que os protagonistas experienciam na terra da acolhida. Fortemente vinculados ao país de origem, o qual, de acordo com Ouellet (2005), só existe na memória, esses protagonistas se sentem exilados. Edward Said (2003, p. 46) reflete sobre o sofrimento que o afastamento da terra de origem acarreta, pois este representa uma “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...]”. O estudioso ainda acrescenta: “Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 50). Também Rollemberg (1999, p. 27) mostra o quanto esta é uma experiência difícil e aponta para a “dor do desenraizamento que acomete os exilados”.

Este é o caso de Hideo, que, apesar das constantes frustrações, não abandona o sonho do regresso, permanecendo este algumas décadas acalentando-o e mantendo-o, portanto, voltado para a terra de origem. E é com esse objetivo que ele educa os filhos. Estes aprendem a língua e a cultura japonesa, sendo-lhes incutido o orgulho de serem “descendente[s] dos samurais” (NAKASATO, 2011, p. 62). Eram diferentes dos brasileiros, porquanto oriundos de um povo de “cultura milenar” (NAKASATO, 2011, p. 63). Essa educação, que preserva a identidade primeira, está impregnada nas crianças. É justamente por isso que o filho, Haruo, vive um conflito identitário ao ouvir da

professora que ele é brasileiro. Ele, tendo nascido no Brasil, sente-se mais inclinado à identidade brasileira, em franco desacordo à posição paterna. As suas palavras na discussão que ocorre entre eles são claras quanto ao seu sentimento de brasilidade: “O que importa é o que otôchan está dizendo: o coração. E eu sinto que o meu coração é brasileiro” (NAKASATO, 2011, p. 67). Inconformado, o pai decide falar com a professora, para quem argumenta que o filho é japonês e que, se ela dissesse o contrário, ele, Haruo, “não se adaptaria ao Japão quando a família retornasse para lá se ela continuasse a insistir que ele era brasileiro” (NAKASATO, 2011, p. 69-70). Considerando que Hideo já deve estar por volta de duas décadas no país – isso ao observar-se que Haruo não é o mais velho dos filhos e que antes Hideo viveu por cerca de cinco anos com a primeira esposa, pode-se inferir o quanto ele ainda está na expectativa da realização do sonho do regresso e, por isso mesmo, permanece desenraizado em relação à terra da acolhida.

Embora seja comentado apenas uma vez ao longo da narrativa, o sentimento de exílio parece tê-lo acompanhado. Tanto é assim que, já no final do romance, ao despedir-se do neto, Noboru, que está deslocando-se para o Japão, em um movimento inverso ao que ele realizou, as suas palavras são significativas: “o Brasil era a [sua] terra” (NAKASATO, 2011, p. 173). Ora, afirmar a identidade brasileira do neto vai na contramão dos valores cultivados ao longo da vida, quando procurava preservar a identidade de japonês, solidificando-a através da educação dos descendentes, a qual era pautada na cultura e nos costumes do país de origem. Noboru compreende o sentido das palavras do avô: “ele não queria para o neto a experiência do desterro” (NAKASATO, 2011, p. 173).

Em *Os húngareses*, a questão do exílio parece estar mais fortemente representada do que no romance de Nakasato. Certamente Hideo sentiu-se exilado ao longo de sua vida, o que o constante voltar-se para a terra de origem permite inferir e as palavras de Noboru esclarecem. No entanto, exceto na despedida do neto, quase no fechamento do romance, a questão não é verbalizada. Acontece o contrário no romance de Montoro, pois ela é posta em foco seja em relação à Rozália, seja em relação a outras personagens, as quais estão na mesma situação e vivenciam esse sentimento de desterro no país da acolhida.

A exemplo do que acontece com a personagem de *Nihonjin*, Rozália mantém uma forte ligação com a terra natal, estando nela os seus elos identitários: “Mas eu era fruto daquilo tudo e o que eu era tinha a ver com o lugar onde tinha nascido”

(MONTORO, 2011, p. 80). A memória dessa terra é muito vívida para ela. Observe-se o fechamento de um dos seus relatos: “E me vejo em meio a essa paisagem como se nunca tivesse saído de lá. Acho que eu sou feita de memória e o meu passado é o meu presente” (MONTORO, 2011, p. 81). Considerando as suas palavras, que apontam para uma relação visceral com a terra natal, não é de estranhar o sentimento de exílio que a corrói, o qual ela extravasa em algumas oportunidades. Uma delas é quando ouve de Imre (um conterrâneo com quem constrói uma relação de amizade) que “o mundo longe da pátria era sempre provisório, um sem presente abrasador” (MONTORO, 2011, p. 107). As palavras do amigo espelham a sua própria sensação: “Eu conhecia esse sentimento, não importava se dias ou décadas nos separassem da pátria, uma sensação de estar à parte no mundo, um balão solto no ar, sem lastro nem parada” (MONTORO, 2011, p. 113). Essas reflexões estão em consonância com aquelas feitas por Julia Kristeva (1994, p. 15) sobre a problemática: “Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada.” Observe-se a similaridade das expressões “balão solto no ar” e “avião em pleno ar” a que Montoro e Kristeva recorrem, que apontam para a posição de desenraizamento vivenciada por Rozália e os outros personagens (romance) e pelos estrangeiros em geral (ensaio crítico).

A sensação de exílio é vivida por József, o que se pode inferir de sua opção em morar próximo de uma olaria, porque “gostava de cheirar a fumaça que cobria as imediações quando os tijolos eram queimados. Uma depuração do sentimento de desterro” (MONTORO, 2011, p. 101). O cheiro de fumaça certamente vivifica o cheiro do carvão, trazendo-lhe a memória da aldeia. Esta personagem, ao final da vida, retoma “o hábito de desenhar com lápis de carvão para apaziguar a saudade” (MONTORO, 2011, p. 132).

Rozália, Imre, József (*Os húngareses*) e Hideo (*Nihonjin*), ao se manterem aferrados às raízes e constantemente atualizarem a memória do lugar natal, deixam extravasar o sofrimento pela condição de exilados. Esse sofrimento se enquadra naquilo que Maria Alzira Queiroz (1998, p. 20) denominou “mal do exílio”, o qual se “vincula por interação, ao largo espectro dos males da ausência.” Segundo a autora, este sofrimento que decorre da “perda e desarraigamento” (QUEIROZ, 1998, p. 20), subjaz no termo saudade.

Pode-se afirmar que a saudade permeia a trajetória das personagens dos dois romances, sendo o “mal do exílio” um sentimento que não é superado. Isso mostra o quanto as palavras de Rollemberg (1999) sobre a fluidez dos termos “migração” e “exílio” são procedentes, mesmo que o deslocamento para o país estrangeiro tenha sido “voluntário”, uma vez que é a sensação de exílio que se impõe. Em uma abordagem similar, John Durham Peters (1999, p. 19) afirma que não importa se o movimento é voluntário ou involuntário, é sempre uma experiência dolorosa: “uma árdua e punitiva expulsão da terra natal”, por isso o caráter traumático de tal circunstância. No final da vida, depois de várias décadas na terra da acolhida, sobretudo os protagonistas, ao fazerem os seus relatos, continuam saudosos. Por isso buscam na memória um espaço/tempo perdidos, ou seja, a terra natal continua em seus horizontes.

A afirmação identitária na terra do exílio

Nos dois romances a comunidade é fundamental, porque, nela, é oportunizado às personagens atualizarem costumes trazidos da terra natal, o que contribui para minimizar os “males do exílio”, situação de extrema importância para esses indivíduos. As personagens dessas narrativas procuram afirmar a identidade primeira, seja falando a língua pátria, seja preservando a cultura. Nesse sentido, não há um movimento com vistas à integração à terra da acolhida, porém um movimento contrário ao realizado por Tzvetan Todorov (1999, p. 24), estudioso búlgaro que, em seus primeiros tempos de França, “procurava – e consegui[u] mais tarde – a assimilação máxima.”

Em *Nihonjin*, na medida em que os imigrantes se consideravam em trânsito, a preservação da cultura e da língua japonesas era fundamental, porque, com o regresso no horizonte, eles estavam continuamente renovando a memória do Japão. Dessa forma, afirmavam a identidade primeira. A manutenção dos costumes é constantemente reiterada no romance, alguns dos quais serão objeto deste estudo.

Entre eles está o banho de imersão. Tão logo se instalam na fazenda, já providenciam a construção de um *ofurô*. Estes banhos têm um significado especial, porque, de acordo com Arai e Hirasaki (2008, p. 264), “tomar um banho de *ofurô* é como purificar a alma para o dia seguinte”. Esses autores ainda ressaltam que os banhos representavam uma forma de “matar a saudade dos *ofurôs* da terra natal” (ARAI; HIRASAKI, 2008, p. 265). As palavras do futuro sogro de Hideo estão em consonância

com essa ideia: “Agradeceu os momentos de gozo na banheira, pois no ofurô se sentia como se estivesse no Japão” (NAKASATO, 2011, p. 48).

Também é interessante observar-se a cerimônia de casamento. Em relação a esta, há um absoluto respeito ao ritual, que é mantido na íntegra, mesmo aquelas partes que seriam prescindíveis. Este é o caso da apresentação dos noivos, que, como eram conhecidos de todos, poderia ser dispensável. Porém, em completa obediência à tradição, tinha todas as suas partes executadas, pois era “necessário porque era assim” (NAKASATO, 2011, p. 49).

A tradição igualmente era mantida na proibição de relacionamentos de *nisseis* com *gaijins*. Nesta proibição, subjaz o orgulho japonês, expresso pelo narrador ao referir-se ao pai de Sanae, personagem que ousou afrontar a regra estabelecida: “Ele era um imigrante severo, incondicionalmente nacionalista, crente na ideia da superioridade dos japoneses” (NAKASATO, 2011, p. 103).

A esses costumes, os quais reencravam a identidade primeira, se soma a educação, grande pilar para veicular a cultura e o ensino da língua. Hideo e os outros japoneses estão atentos a ela, tanto é assim que na colônia havia um professor responsável por essa tarefa. A educação é, pois, fundamental para fortalecer a identidade japonesa, introjetando-a nos *nisseis*. Mesmo na conjuntura da Segunda Guerra Mundial, quando é imposta à comunidade japonesa a proibição de falar a língua de origem em público (esta proibição se estende aos alemães e italianos), a educação não é descuidada. As sanções, explicitadas em uma portaria, a qual é transcrita no romance (NAKASATO, 2011, p. 88-89), são vistas por Hideo como uma tentativa de fazer os japoneses abandonarem a identidade primeira e se transformarem em brasileiros. De acordo com o protagonista, esta pressão teve efeito reverso, porque “mais nihonjin se sentia nihonjin” (NAKASATO, 2011, p. 90). Historicamente esta situação é comprovada pelo estudo de Tomoo Handa (1987, p. 600), segundo o qual “a exigência de nacionalização fortaleceu, pelo contrário, o seu sentimento de amor ao Japão”. Não obstante essa conjuntura coercitiva, o protagonista decide assumir o papel de professor, pois considerava inconcebível crianças *nihonjins* não receberem um ensino específico, porque, “impedidas pelo governo de ir ao nihongakkō, não poderiam crescer como se fossem gaijins” (NAKASATO, 2011, p. 96). Por isso, Hideo não se exime dessa tarefa, apesar das implicações que, naquela conjuntura adversa, tal ato poderia acarretar e acarretou, pois ele foi preso em decorrência de sua desobediência. A

posição do protagonista, ao se contrapor às coibições do governo, contribui para a afirmação da identidade japonesa.

Contrariamente a *Nihonjin*, cujos imigrantes eram enviados para fazendas onde havia outros japoneses, em *Os húngareses*, a vida em comunidade é posterior à chegada ao país. Não é precisado quando eles se mudam para o sítio dos húngareses, mas Rozália, ao saber de tal lugar, já tem as suas três filhas, pois, falando dos primeiros tempos nesse local, refere-se a sua caçula. Esta mudança é muito importante, porque a situação de exílio que até então Rozália experimentara é revertida.

Isso ocorre quando Imre, ao retornar depois de alguns anos ausente da cidade, lhes fala sobre o sítio, um lugar pelo qual estava atraído, pois desejava “fazer daquele pedaço de chão uma comunidade” (MONTORO, 2011, p. 114). O local se apresentava como a possibilidade de, juntos, minorarem o “mal do exílio”.

A comunidade que logo se estabelece no sítio, o qual passa a ser conhecido como o sítio dos húngareses, representa para Rozália a extensão da aldeia natal. Nela, eles falam húngaro e atualizam costumes húngaros. Nessa conjuntura, a vida em comunidade lhes proporciona uma sensação de pertencimento, porque falar a língua e encenar os mesmos costumes oportuniza o reencontro identitário, conforme atestam as palavras de Rozália: “Era por outra coisa, esse cheiro de passado que chegou manso, foi recobrando a pele e entrou no corpo para ocupar meus guardados, lugares remotos que estavam à espera. Despertar essas emoções me fez sentir eu outra vez” (MONTORO, 2011, p. 118). A vida na comunidade remete-lhes à aldeia, o que é verbalizado em outro momento: “A vida no sítio era a continuação da vida na aldeia. O passado atualizou-se em cada gesto. Os procedimentos das pessoas de lá foi repetindo as pessoas de cá” (MONTORO, 2011, p. 164). Percebe-se que, nessa comunidade, ocorre o reencontro com as raízes; por outro lado, eles criam elos entre si. Simone Weil (2001, p. 43), ao discutir sobre o enraizamento, mostra o quanto este é fundamental para o ser humano, pois pressupõe “sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

A oportunidade de falar a língua (não apenas entre os familiares), o resgate da música, das danças típicas e da culinária lhes propiciava a afirmação identitária. A descrição de uma festa, organizada com vistas a comemorar o aniversário de Peter, um húngaro que frequentava o sítio em decorrência de suas relações familiares, de amizade e de negócios, é exemplar, pois nela os costumes cotidianos foram atualizados e até expandidos. As reflexões da narradora sobre essa festa são muito interessantes, porque

expressam a comemoração da “vida inventada no sítio, [esse] jeito especial de trazer a pátria, de estar em espaços e tempos diferentes simultaneamente [...]” (MONTORO, 2011, p. 150), e o quanto este tipo de vida foi importante para esses imigrantes. Essa festa foi especialmente representativa dessa forma de fazer presente “a diversidade dos Balcãs nos trópicos” (MONTORO, 2011, 150). E, nesse sentido, o sítio transforma-se em extensão da aldeia.

Além dos costumes que trouxeram dos Balcãs e atualizaram no sítio, um hábito que passou a fazer parte do cotidiano da comunidade constituiu-se na lembrança do “passado em terras distantes, dos sofrimentos e alegrias” (MONTORO, 2011, p. 116). Eram histórias verbalizadas para o grupo, as quais contribuíram para sedimentar os laços comunitários e reforçar a identidade primeira.

Essa identidade húngara é muito forte, sendo este um sentimento generalizado, tanto é assim que a narradora afirma: “Juntos éramos toda a Hungria” (MONTORO, 2011, p. 120). Em várias oportunidades, ela se refere à maneira húngara de ser, à qual ela mesma não fica imune, detectando-a em algumas de suas atitudes. Uma dessas circunstâncias é quando ela enfrenta Imre na ocasião em que ele, irritado, extravasa uma série de impropérios inclusive contra os seus pais. É no confronto com o “tio” que essa identidade se revela: “Só me dei conta do gênio húngaro que carregava, quando me vi sair de casa decidida a enfrentar de igual para igual Tio Imre” (MONTORO, 2011, p. 153).

Nos dois romances, a posição identitária dos protagonistas e também de outras personagens é constantemente reiterada. Sobretudo Hideo e Rozália se afirmam na identidade primeira e, ao fazerem isso, assumem a posição de estrangeiros, a qual marca abertamente os respectivos discursos. Ora, tal assunção está em sintonia com os estudos de Janet Paterson (2015). Ao refletir sobre o sujeito migrante, ela afirma que este está continuamente reafirmando a sua condição de estrangeiro, ressaltando algumas expressões que põem em foco a alteridade. São elas: “‘Eu sou estrangeiro – ou estrangeira’, ‘Eu sou exilada’” (PATERSON, 2015, p. 181). No caso de *Nihonjin* e de *Os húngareses*, ao se identificarem como japoneses e como húngaros, eles estão se percebendo na alteridade e, portanto, estão “inscrevendo a voz de estrangeiros, exilados, ou seja, de pessoas que se percebem como Outro no país da acolhida” (PATERSON, 2015, p. 181).

Nota conclusiva

Nihonjin e *Os húngareses* centram-se na temática da migração, a qual se revela de extrema importância na contemporaneidade. A história é a de japoneses e húngaros que se deslocam premidos pela necessidade econômica (em *Nihonjin*, devido à pauperização em que viviam; em *Os húngareses*, a questão não está expressa abertamente) e estimulados pelas propagandas, as quais foram responsáveis pela reencenação do imaginário do mito do eldorado no país estrangeiro.

Ao chegarem na terra da acolhida, ao imaginário de riqueza que os mobilizou à viagem, logo se impõe uma realidade de dificuldades, muito distante das fantasias acalentadas. Em *Nihonjin*, eles se deparam com o trabalho duro das lavouras e a precariedade das moradias; e em *Os húngareses*, com os poucos postos de trabalho disponíveis, devendo submeter-se ao que havia, fosse no campo ou na cidade.

Na terra da acolhida, japoneses e húngaros sentem-se exilados, o que lhes causa sofrimento. Nessa conjuntura, a experiência comunitária foi essencial, pois lhes permite reforçar as raízes, minorando o sentimento de exílio e o sofrimento desses imigrantes. Falar a língua e renovar os costumes contribui para suavizar a experiência migratória. No romance de Nakasato, desde o início, eles vivem em comunidade. Nela preservam as tradições, porque, como o objetivo é retornarem para o país de origem, eles não descuidam a educação dos filhos, que devem ser criados de acordo com os valores japoneses. No romance de Montoro, esta foi formada muitos anos depois da chegada, o que tem um significado especial para a protagonista.

A leitura aqui realizada não pretendeu esgotar as potencialidades desses romances. Mesmo considerando apenas a perspectiva da migração, somente algumas das suas facetas foram discutidas. No caso de *Nihonjin*, sequer se tangenciaram, por exemplo, as implicações da alteridade, sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial, a qual tem um enfoque especial no romance. No caso de *Os húngareses*, não se contemplaram os diversos trânsitos das personagens nem a experiência de exílio na própria terra natal, quando da anexação da província a então Iugoslávia. Isso para mostrar o quão ricas são essas narrativas, abertas a muitas outras abordagens.

Referências

ARAI, Jhony; HIRASAKI, Cesar. *100 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor; Centro de Estudos Japoneses, 1987.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NAKASATO, Oscar. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.

OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*. Montreal: VLB Editeur, 2005.

PATERSON, Janet. O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 59, n. 2, p. 179-184, abr.-jun., 2015.

PETERS, John Durham. Exile, nomadismo, and diaspora: the stakes of mobility in the western canon. In: NAFICY, Hamid (Org.). *Home, exile and homeland: film, media, and politics of place*. New York: Routledge, 1999. p. 17-41.

QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

TODOROV, Tzvetan. Voltar. In _____. *O homem desenraizado*. Trad. Cristina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 11-29.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.